

Problema pulmonar ainda é o mais grave

O médico norte-americano foi chamado a São Paulo para tentar, juntamente com a equipe médica do Instituto do Coração, tirar o Presidente dessa crise pulmonar aguda que ele vem enfrentando nos últimos dias. Afastado o problema pulmonar, suas chances de sobrevivência aumentariam em quanto? Respondendo a esta pergunta, o superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva, disse ontem que as chances aumentam consideravelmente porque esse é o problema maior no momento. "É muito difícil avaliar quantitativamente, porque o quadro é realmente grave", disse.

Em entrevista à imprensa pouco antes do médico Warren Myron Zapol chegar ao Instituto do Coração, Guilherme Rodrigues falou sobre o estado geral do Presidente, destacando a gravidade do problema pulmonar.

— E possível que o processo de infecção tenha chegado aos pulmões?

— Eu acho pouco provável. Pelo aspecto das radiografias, é pouco provável que já se tenha um componente infeccioso direto.

— Então, por que a inflamação intersticial não cede?

— Isso é assim mesmo. Enquanto você tem a agressão mantida, repetida, a esses capilares pulmonares, a possibilidade de regressão fica menor do que se tivesse removido as infecções.

— O uso do superpeep é uma saída extrema. Funcionou?

— Tem funcionado. Tem conseguido manter o nível de oxigena-

ção em níveis razoáveis.

— Até quando pode ser mantido?

— O peep pode ser mantido por alguns dias, perfeitamente, até que haja uma regressão. Alguns dias você pode usar.

— Mas pode provocar lesão no pulmão?

— Não acredito. O peep, a única coisa que faz é dificultar um pouco o retorno venoso na circulação pulmonar, fazendo cair portanto o rendimento cardíaco. Quer dizer, o volume circulatório na grande circulação, e portanto, a pressão arterial. Mas enquanto se mantiver com drogas vasopressoras esta situação, tudo bem.

— O que é o peep?

— É um recurso para você manter uma oxigenação razoável sem necessidade de usar concentrações elevadas de oxigênio. Mas se houver melhora, então você pode reduzir.

— Sem aparelhos, o Presidente estaria vivo?

— É muito difícil pensar que sem os aparelhos ele pudesse sobreviver.

— O quadro é irreversível?

— Irreversível foi considerado na situação em que havia uma piora progressiva muito rápida. O que se colocou ali, pela experiência dos intensivistas, parecia uma situação de declínio inexorável, portanto irreversível. Mas ele tem se mantido estável. De modo que essa irreversibilidade agora não conta mais, quer dizer, ninguém fala mais em irreversibilidade.

— O sr. conhece algum paciente que tenha se recuperado depois de chegar no estágio em que o Presidente chegou?

— Pessoalmente não conheço. Realmente é um estágio de extrema gravidade a que ele chegou na quinta-feira e realmente essa recuperação é excepcional.

— Existe uma infecção generalizada?

— Não, não há nenhuma evidência de uma septicemia, o quadro clínico não indica isso.

— Ele tem focos?

— Pelas crises de bacteremia que ele costuma apresentar, ele deve ter microfocos, que não se conseguiu encontrar.

— Por que não se localiza?

— Devem ser focos pequenos e que você não localiza através dos métodos de formação de imagem, como ultra-sonografia, tomografia computadorizada e a técnica do tállo radioativo, você não logra localizar nenhuma coleção. Então deve haver microfocos.

— A crise desta noite foi provocada por bactérias?

— Pode ter sido um distúrbio hemodinâmico, mas as crises bacterêmicas têm se repetido, pode ter sido uma delas, mas não tão intensa como as anteriores.

— Vem algum bacteriologista de fora?

— Não se cogita, no momento.

— Pode haver nova cirurgia?

— Muito pouco provável. Mesmo porque não se identificou nenhum foco infeccioso removível por cirurgia.